



EDUCAÇÃO EM AGROECOLOGIA

AGROECOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA:  
*questões propositivas de conteúdo e metodologia*



1ª edição



expressão  
POPULAR



São Paulo – 2017



Copyright © 2017, by Expressão Popular

Organização: *Dionara Soares Ribeiro, Elisiani Vitória Tiepolo, Maria Cristina Vargas, Nivia Regina da Silva*

Elaboração: *Dionara Soares Ribeiro, Elisiani Vitória Tiepolo, José Maria Tardin, Luiz Zarref, Maria Cristina Vargas, Neusani Lima Rodrigues Lopes, Nívia Regina da Silva*

Colaboradores: *Adejane Costa Mota, Adrielle Leite Freire, Alessandra Ferreira de Jesus, Ana Claudia de Jesus Santos, Ana Paula S. de Almeida, Andressa Lopes, Arlete Marques Pires, Cássio Souza Santana, Cícera Guedes, Claudiane Binas Moreira, Daniela Pereira da Silva, Denise Silva Prates, Eliane Oliveira Kai, Elisângela M. Rodrigues, Elizabeth de Almeida, Fernanda Ribeiro, Francisco Damiano da Silva, Hosana Santos de Melo Farias, Iolanda S. de Souza, Jaíara Santiago, Jázian Mota, Jorge Ricardo S. Oliveira, Joseane Dias de Silva, Luciana Alves, Luciene Nunes dos Santos, Luciete Rodrigues, Luiz Carlos, Maikley Pinheiro Miranda, Maria D`Ajuda Dias, Maria das Graças Monthay, Maria de Jesus Rocha, Maria dos Santos Sena, Maria Helia de Jesus Nascimento, Maria Sueli L., Maristela Perini, Naciele dos Santos, Neusani L. R. Lopes, Norma Lúcia Mascarenhas, Norma Rodrigues Alvez, Patricia F. Lage, Raílda P. da Silva, Renato Jesus de Santana, Ronaldo Cerqueira, Rosa Cristina S da Costa, Rosáli de P. N. Freitas, Sabrina Oliveira Silva Santana, Simone R. de Souza, Sirlene C. Freitas, Sirlene Pereira Batista, Sirlene Queiroz de Jesus, Ulli Cardoso Barbosa, Welton Boa Morte, Valéria de Souza Goes, Valquiria Rodrigues de Sousa*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A281 Agroecologia na educação básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia. / Organização: Dionara Soares Ribeiro et al. -- 1.ed. -- São Paulo : Outras Expressões, 2017.  
136 p.

Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>.  
ISBN 978-85-7743-294-3

1. Agroecologia e educação. 2 Educação básica – agroecologia. I. Ribeiro, Dionara Soares (org.). II. Título.

CDU 631:37  
37:631

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: janeiro de 2017

EXPRESSÃO POPULAR

Rua Abolição, 201 – Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3522-7516 / 4063-4189 / 3105-9500

[editora.expressaopopular.com.br](http://editora.expressaopopular.com.br)

[livraria@expressaopopular.com.br](mailto:livraria@expressaopopular.com.br)

[www.facebook.com/ed.expressaopopular](http://www.facebook.com/ed.expressaopopular)



## Sumário

Apresentação .....	7
Introdução .....	9
Base teórica e organização curricular .....	13
<i>De que educação e de que escola estamos falando</i> .....	13
<i>Conhecendo o território: agrobiodiversidade e os sujeitos do campo</i> .....	15
<i>Dimensões da Agroecologia</i> .....	20
<i>Conceitos e correntes da Agroecologia</i> .....	23
TEXTOS PARA APROFUNDAMENTO	
A Agroecologia em nossas vidas – reflexões e algumas rotas, em busca de um equilíbrio em tempos de crise.....	51
<i>João Dagoberto dos Santos</i>	
A educação ambiental em disputa: a luta de classes na escola pública .....	67
<i>Rodrigo de Azevedo Cruz Lamosa</i>	
Extremo Sul da Bahia, transformações e impactos socioambientais .....	75
<i>Ivonete Gonçalves de Souza</i>	
A territorialização da Agroecologia na disputa de projetos, e os desafios para as escolas do campo.....	83
<i>Peter Rosset</i>	
Cooperação agrícola .....	93
<i>Pedro Ivan Christoffoli</i>	
Soberania alimentar: uma necessidade dos povos.....	101
<i>João Pedro Stedile</i> <i>Horacio Martins de Carvalho</i>	
Apontamentos sócio-históricos para uma discussão sobre a Agroecologia no Semiárido brasileiro .....	119
<i>José Jonas Duarte da Costa</i>	
II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária.....	127
<i>Luziânia, GO, 21 a 25 de Setembro de 2015.</i>	
Sugestões de obras para aprofundamento .....	133
Referências.....	136





# A territorialização da Agroecologia na disputa de projetos, e os desafios para as escolas do campo

Peter Rosset<sup>1</sup>

Como mulheres, homens, idosos e jovens, camponeses, povos indígenas, trabalhadores rurais sem terra, pastores e outros povos rurais, estamos lutando para defender e recuperar nossa terra e territórios, para preservar nosso modo de viver, nossas comunidades e nossa cultura. Também estamos defendendo e recuperando nossos territórios por causa da agricultura camponesa agroecológica que neles iremos praticar, alicerce na construção da soberania alimentar, e é a primeira trincheira em nossa defesa da Mãe Terra. Estamos comprometidos com a produção de alimentos para as pessoas de nossas comunidades, povos e nações... Os povos indígenas entre nós, e todos aqueles de nossas tradições rurais e culturais, ensinam o respeito pela Mãe Terra e nos comprometemos a recuperar nosso conhecimento ancestral, e nos estamos apropriando dos elementos da Agroecologia (o que, na verdade, é amplamente derivado de nosso conhecimento acumulado) para que nós possamos produzir em harmonia com, e cuidando bem, da nossa Mãe Terra. O nosso modelo é o “modelo de vida,” de terras com camponeses, de comunidades rurais com famílias, de territórios com árvores e florestas, montanhas, lagos, rios e litorais, e ele está em flagrante oposição ao “modelo de morte” das corporações, da agricultura sem camponeses e famílias, da monocultura industrial, das áreas rurais sem árvores, dos desertos verdes, dos terrenos baldios envenenados com agrotóxicos e transgênicos. Estamos ativamente confrontando o capital e o agronegócio, disputando terra e território com eles... A soberania alimentar baseada na agricultura camponesa agroecológica oferece soluções para a alimentação, clima e outras crises do capitalismo enfrentadas pela humanidade.

– Agricultura Camponesa Agroecológica: pela Soberania Alimentar e pela Mãe Terra, posição oficial da Via Campesina, 2012.

<sup>1</sup> Técnico-militante da Via Campesina Internacional e professor-pesquisador do El Colegio de la Frontera Sur (Ecosur), Chiapas, México.





A auto-organização e a ação coletiva são os meios que permitem o crescimento da Agroecologia.

– Declaração do Foro Internacional de Agroecologia em Nyéléni, Mali, 2015

### **A Via Campesina e a Agroecologia na disputa de projetos para o campo e para a sociedade**

A Via Campesina (VC) é um movimento social transnacional presente em 80 países do mundo, na Ásia, África, Europa, Oriente Médio e América e, na América Latina, é representada pela Coordenadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo (Cloc). Entre os membros da VC se incluem organizações de camponeses, agricultores familiares, trabalhadores rurais, sem terra, povos indígenas, pastores nômades, mulheres rurais, jovens rurais, entre outros, que representam mais de 200 milhões de famílias rurais em todos os continentes. A VC é a principal força que existe em âmbito global para organizar a luta e enfrentar o capital e sua devastação no campo. As organizações membros da VC estão na primeira trincheira das disputas entre projetos para o campo e para toda a sociedade. A VC luta para construir e defender uma vida digna para todos os povos do campo no mundo, para defender a coexistência de nossos povos em harmonia com a Mãe Terra, e para alcançar uma sociedade mais justa para todas as pessoas, tanto do campo quanto da cidade.

A VC funciona como um grande espaço de encontro entre as diferentes culturas de camponeses, povos indígenas, trabalhadores rurais sem terra, mulheres, homens e juventude, gerando um diálogo de saberes gigantesco, em torno de como chegar a um consenso sobre visões comuns para o futuro, bem como planos, táticas e estratégias de resistência, de luta e de construção coletiva de novas realidades e de um futuro melhor. Neste processo coletivo, chegamos a um consenso sobre Agroecologia como um elemento estratégico comum, tanto para fortalecer a resistência em nossos territórios, quanto para construir um mundo melhor para toda a humanidade e para a Mãe Natureza. Alguns dos raciocínios por trás deste consenso a favor da Agroecologia:

- respeitar e cuidar da Mãe Terra;
- produzir sem agrotóxicos, produzir alimentos saudáveis e cuidar da nossa saúde, da saúde de nossas famílias e crianças e da população em geral;
- construir um modelo de produção que seja coerente com nossa luta e nosso discurso;
- ser um componente essencial na construção da soberania alimentar;
- permitir ser mais resiliente diante das mudanças climáticas, produzir com menos água e ajudar a esfriar o planeta;





- enfrentar diretamente o capital no campo (parando de comprar seus insumos e de usar seu modelo de produção) o que é *transformar*;
- responder a uma forte demanda a partir das mulheres e da juventude;
- reduzir a dependência do crédito e dos insumos comprados, reduzir os custos de produção e o endividamento, melhorar o lucro líquido da produção;
- construir autonomia (parcial) em relação às forças do mercado;
- não competir com o jogo do agronegócio no campo e com suas regras, ou melhor ainda, virar o jogo, tornando-o mais favorável a nós, os camponeses;
- buscar a (re)construção de uma cultura do campo, uma cultura de resistência, de luta e de autonomia;
- reduzir a rotina no trabalho agrícola, reforçar o uso da inteligência e a criatividade, e criar um ambiente mais agradável de trabalho na agricultura; oferecer mais oportunidades para a juventude permanecer no campo;
- reduzir o peso do patriarcado dentro da família camponesa, pois, enquanto a monocultura convencional reforça a autoridade do homem na produção familiar, a diversificação agroecológica pode descentralizar as funções e áreas de tomada de decisões produtivas, e até a renda de todos os membros da família.

Por estas e outras razões, deve ficar claro por que a VC escolheu o caminho da Agroecologia. Sabemos como fazer a Agroecologia, baseando-nos em seus princípios.

#### Alguns princípios agroecológicos

- parar de usar agrotóxico;
- implementar práticas de conservação do solo;
- recuperar e multiplicar as sementes nativas e as raças de animais locais;
- maximizar a matéria orgânica e a vida do solo;
- projetar o sistema para maximizar a reciclagem de nutrientes;
- eliminar a monocultura e diversificar o agroecossistema;
- integrar as culturas, as árvores e os animais no mesmo sistema, com culturas consorciadas, sistemas agroflorestais (SAFs), e sistemas agrossilvipastoris;
- conservar, coletar e armazenar a água no agroecossistema;
- fortalecer o tecido de organização social como meio de cultura para a Agroecologia;
- promover a ação coletiva, a emulação agroecológica e o efeito multiplicador, através de processos intencionais.

A Agroecologia não se baseia em receitas, mas sim em princípios, que são aplicados de forma diferente em cada realidade distinta.

Mas não basta escolher a Agroecologia, não basta decidir que, por meio dela, se promova uma melhor matriz produtiva para a agricultura camponesa, não basta





saber fazer Agroecologia no plano técnico. O modelo convencional da agricultura industrial baseado em monoculturas e insumos agroquímicos tem raízes profundas, mesmo entre o campesinato. Décadas de propaganda comercial, assistência técnica convencional, requisitos de programas de crédito, e o sistema educacional em todos seus níveis, fizeram com que o modelo convencional parecesse normal e até mesmo desejável. As mesmas forças têm gerado quase um consenso de que a alternativa agroecológica é uma fantasia, uma ilusão, impossível na prática. Tudo isso é muita coisa para se vencer com meros discursos. Também não é suficiente, embora seja necessário, ter práticas agrícolas técnicas e ecológicas que funcionem bem em termos produtivos e econômicos.

Na verdade, em quase todas as regiões do mundo, já existem, de maneira abundante, boas alternativas agroecológicas, domínio técnico de como fazer compostagem e biopreparações, opções de culturas consorciadas, sementes adaptadas à seca, adubos verdes, curvas de nível, integração de plantas e animais, sistemas agroflorestais etc. O problema é que poucas pessoas realmente usam essas alternativas, ainda que tenham sido cientificamente comprovadas como sendo superiores. Na maioria dos casos, o real gargalo não é a disponibilidade de alternativas, mas sim, a falta de um processo social para impulsionar sua adoção. E, como veremos, o que mais convence um camponês de que uma alternativa funciona, de fato, é visitar outro camponês igual a ele, que a usa com sucesso. Isto deve ser tomado em consideração em qualquer processo social de promoção agroecológica.

### **Escalamento, massificação ou territorialização da Agroecologia**

Para disputar o projeto territorial do capital no campo, temos que levar a Agroecologia camponesa e popular a uma escala territorial, como parte de nosso projeto de reforma agrária popular. Alcançar grande escala em Agroecologia, conseguir sua massificação ou territorialização, significa que, em vez de ser praticada por poucas famílias, em um território pequeno, seja praticada por muitas famílias em um território grande. Esse é o objetivo.

As aprendizagens da VC nos cinco continentes, e muitas outras experiências, nos ensinam a necessidade de construção deliberada e sistemática dos processos sociais de transformação agroecológica. Mas estes processos são complexos, pois há muitos fatores na realização da ampla adoção da Agroecologia pelo campesinato. No entanto, a complexidade pode ser levada em conta no projeto de um processo intencionado. A seguir, apresentamos uma lista de fatores que foram identificados como chave para o sucesso de vários processos de Agroecologia, e que nos dão uma ideia do que precisamos levar em consideração no nosso planejamento.

*Ingredientes para a massificação*





A *organização* e o *tecido social-organizativo* (a *organicidade*) são o meio de cultura em que cresce a Agroecologia. Considere-se, por exemplo, uma família camponesa isolada que não faz parte de uma estrutura ou processo organizativo: se ela transformar sua parcela em uma maravilha agroecológica, talvez ninguém possa aprender com ela ou imitá-la. Mas se faz parte de um processo organizado de visitas cruzadas e aprendizagem horizontal, ela pode ser parte de um efeito multiplicador significativo. É necessária a construção intencionada de processos territoriais, baseados na organicidade e na ação coletiva.

O *protagonismo camponês* desencadeia processos de valorização e resgate de saberes, de convencimento, de inovação e de socialização de práticas e conhecimento. Para um camponês é mais provável que acredite em outro camponês, em quem está usando práticas agroecológicas com sucesso, do que acreditar no discurso puro de um técnico ou dirigente. O intercâmbio e o diálogo de saberes são fundamentais para a transmissão horizontal da Agroecologia entre camponeses e camponesas.

A iniciativa das *mulheres*, a criatividade e a energia da *juventude* podem ser fatores-chave no sucesso da Agroecologia. Há muitos processos de Agroecologia liderados por mulheres, e até mesmo nos casos em que apenas os homens aparecem, são as mulheres, dentro da unidade familiar, que promovem a transformação agroecológica, muitas vezes motivadas pelas preocupações de saúde pelos agrotóxicos e por um desejo de comida saudável. E a maioria dos jovens só estará disposta a ficar no campo se a sua criatividade for desafiada e vinculada a algo fascinante como a Agroecologia. Dessa maneira, a sua energia pode impulsionar o processo de transformação.

Um *discurso motivador e mobilizador* é necessário para animar as famílias camponesas a se aventurar na transformação agroecológica. O discurso mais eficaz varia muito ao redor do mundo, de acordo com a cultura local, a história organizativa e a realidade. Dependendo de cada caso, elementos e valores espirituais, religiosos, políticos, ideológicos, ambientais, de saúde, de confronto, e mesmo econômicos podem ser parte de um discurso efetivo para motivar a Agroecologia.

O *mercado* tem desempenhado um papel importante na motivação de alguns dos casos de sucesso agroecológico ao redor do mundo. Os mercados locais, as feiras camponesas, os mercados orgânicos, os mercados institucionais, os canais alternativos de distribuição etc., que dão valor aos alimentos camponeses produzidos ecologicamente, podem proporcionar um importante incentivo à mudança.

As *políticas públicas* podem acelerar imensamente os processos de transformação e escalamento, mesmo que seja, ao mesmo tempo, uma faca de dois gumes, porque podem gerar dependência e endividamento. Os programas de crédito para a produção agroecológica, e os programas de aquisição por instituições públicas, como a Política Nacional de Abastecimento Alimentar (PNAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar







(PNAE) no Brasil, podem colocar as bases para as cooperativas camponesas aumentarem significativamente sua produção agroecológica. Isso poderia ser um escalonamento arriscado, por exemplo, se os créditos e contratos de compra forem cancelados devido a uma mudança de governo, pois a produção pode entrar em colapso e as cooperativas ficarem endividadas. (Vamos ver, agora, com o golpe no Brasil, o que vai ocorrer). A alternativa é construir processos mais autônomos, baseados, por exemplo, no crescimento lento, e talvez mais sólido dos mercados locais.

Os processos agroecológicos e organizativos de *formação e educação* são fundamentais, já que fortalecem, sinergizam e retroalimentam todos os fatores aqui elencados. Estes postulam um papel fundamental para as escolas do campo e para as escolas de formação em potencializarem os processos de territorialização da Agroecologia.

### **Camponês a Camponês: a metodologia de maior sucesso na América Latina e no Caribe**

“Camponês a Camponês” (CaC) é uma metodologia de processo social para a promoção horizontal da Agroecologia, desenvolvido há 40 anos por camponeses indígenas na Guatemala, e que obteve muito êxito na América Central, México, Cuba e outros países. O momento pedagógico central num processo de CaC ocorre quando um(a) camponês(a) com um problema produtivo (por exemplo, uma praga), visita o sítio de outro(a) camponês(a), que já implementou com sucesso uma solução agroecológica para o mesmo problema. A aprendizagem é horizontal, de camponês a camponês. A base é o *diálogo de saberes* entre camponeses, e entre camponeses e técnicos facilitadores de processos.

O CaC começou como uma reação ao modelo convencional de assistência técnica. Nos métodos verticais da extensão agrícola convencional nos serviços públicos, nas casas comerciais e também em muitos “projetos”, o técnico é o sujeito ativo, o “sabe tudo” do processo. Este método técnico-centrista não está muito de acordo com uma filosofia política e de organização que busca colocar a família camponesa como protagonista central na transformação de sua realidade e de seu próprio destino. Menos ainda ajuda a promover o enfoque agroecológico, pois este depende da aplicação de princípios – e não de receitas –, segundo a realidade local de cada estabelecimento rural camponês e de cada cooperativa; isto é, exige criatividade, conhecimento local, inovação e inteligência camponesa. No modelo de assistência técnica, a família camponesa assume um papel passivo. Quando ocorre um problema, espera o técnico chegar de fora para resolvê-lo. Pode esperar um longo tempo, sem tomar a iniciativa de buscar soluções. Estes métodos verticais também se autolimitam pelo número de técnicos e, ainda, pelo número de famílias que cada técnico pode atender, e finalmente, pelo orçamento.

Por isso, chegou-se à conclusão de que as organizações camponesas necessitam de metodologias libertadoras, que permitam às pessoas assumirem o controle de seus





processos produtivos e serem protagonistas de seu destino. Métodos que estimulem processos dinâmicos e criativos. Da mesma maneira, devem promover a capacidade de ação coletiva e de mobilização, necessárias tanto para a apropriação e transformação da produção, quanto para o desafio da luta política. No método de CaC, o protagonista é o camponês ou a camponesa, não o técnico. E este é o principal – ainda que não seja o único – segredo de seu êxito, pois, como se diz no campo: “o camponês acredita mais no que faz outro camponês, do que no que diz um técnico”. Finalmente, o método de CaC é um processo dinamizador que, ao adotar seu próprio ritmo, vai muito além e em menor tempo do que os métodos verticais.

Um processo de CaC tem que ser bem estruturado, com processos de formação dos atores-chave. O melhor exemplo é o da Associação Nacional de Agricultores Pequenos (Anap), membro da VC em Cuba. Na Anap, os promotores(as) são mestres camponeses que já utilizam técnicas agroecológicas com sucesso, que recebem visitas de outros camponeses em seus estabelecimentos. Sua parcela é considerada a sua sala de aula. Os(as) facilitadores(as) são pessoas que têm alguma formação técnica, que trabalham a nível local e indentificam os camponeses que são promotores potenciais, os preparam e organizam o processo de visitas cruzadas. Os(as) coordenadores(as) também têm formação técnica e administram e coordenam o processo de CaC em escala maior. Os promotores e facilitadores trabalham, também, com as escolas do campo locais. Organizam “círculos de interesse” para crianças e jovens sobre a Agroecologia, e montam salas de aula auxiliares nas casas de famílias camponesas agroecológicas (promotoras).

Utilizando a metodologia de CaC, de uma maneira muito organizada, sistemática e intencionada, com alta organicidade e uma escola camponesa para formar promotores, facilitadores e coordenadores, a Anap conseguiu, em 15 anos, que a metade da população camponesa de todo o país se tornasse agroecológica, e com maiores taxas de produtividade, algo que eles nunca teriam conseguido com seu modelo anterior de assistência técnica.<sup>2</sup>

Embora a Agroecologia não se baseie em modelos ou receitas que possam ser cegamente copiados e transferidos de uma realidade para outra, os elementos de CaC em Cuba, de protagonismo campones, pedagogia horizontal, projeto intencionado e organicidade, oferecem importantes princípios para processos nascentes em outros lugares. E, em particular, para pensar o papel das escolas na territorialização da Agroecologia.

<sup>2</sup> A experiência da Anap com a CaC é documentada e explicada no livro publicado pela Expressão Popular, *Revolução agroecológica – o Movimento de Camponês a Camponês da Anap em Cuba*. São Paulo, 2013. A metodologia é também explicada em grande detalhe, através de muitos vídeos curtos, pela Escola Camponesa Multimídia da VC: <<http://Agroecologia.espora.org/>>.





## Os desafios para as Escolas do Campo no Brasil, no tema da territorialização da Agroecologia

*O maior desafio é pensar como as Escolas do Campo poderiam funcionar como eixos de ação nos processos territoriais para elevar a escala da Agroecologia.* Temos escolas do campo em todos os níveis: na Educação Básica, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, além das escolas e parcerias para a Educação Técnica e a Educação Superior. Temos que imaginar possíveis tipos de processos de Agroecologia a nível territorial, e pensar como cada tipo de educação e formação pode incidir em âmbito territorial.

As crianças e os jovens são muito importantes para construir a territorialidade da Agroecologia, portanto, formá-los com uma visão diferente, agroecológica, e com conhecimento da Agroecologia, pode ter diferentes efeitos multiplicadores no território. Por exemplo, eles representam um ponto de entrada em quase todas as famílias camponesas, uma maneira de gerar questionamentos sobre o modelo de produção que adotam. *A escola deve assumir o desafio de difundir a Agroecologia entre as crianças, jovens, mães e pais de família, e na sociedade em geral, no entorno de seu território.*

E as escolas estão formando os futuros habitantes do território. No caso daqueles que permanecerão como camponeses, eles vão praticar Agroecologia? Serão os futuros promotores nos processos de CaC? Para aqueles que se tornam dirigentes, eles vão projetar e promover processos de Agroecologia dentro da organização e no território? Para aqueles que se tornam técnicos, eles serão técnicos convencionais, que “sabem tudo,” ou serão técnicos facilitadores de diálogos de saberes dos processos agroecológicos horizontais, no estilo de CaC? Quase tudo isso vai depender do tipo de educação e formação que recebem na escola.

Em termos epistemológicos, as escolas estão moldando a própria maneira de como as pessoas vão pensar no futuro. Serão formados apenas para pensar em termos compartimentados, cartesianos, que se prestam tão bem à monocultura, ao uso de agrotóxicos e à conquista da natureza pela força bruta? Ou eles serão capazes de pensar de maneira mais holística, mais ecológica, que se presta muito melhor às formas agroecológicas de agricultura? A ecologia e a Agroecologia serão apenas uma ou duas matérias, como caixas de conhecimento separadas de outros conhecimentos, ou serão eixos transversais?

Devemos lembrar que grande parte da chamada ciência e da prática da Agroecologia vem do acúmulo de conhecimentos camponeses, indígenas e populares, de como produzir sem insumos químicos. A agronomia moderna ensina o desprezo a estes conhecimentos, enquanto a Agroecologia depende deles. A Agroecologia recupera e socializa estes conhecimentos através do diálogo de saberes. A escola convencional ensina o filho do camponês a menosprezar o conhecimento de seus pais. *Um desafio para a escola agroecológica é desenvolver métodos de ensino para que os filhos dos camponeses aprendam a valorizar e recuperar o conhecimento de seus pais, avós e comunidades.* As escolas podem usar os





camponeses e camponesas agroecológicas como professores convidados, e pode-se fazer o mesmo que em Cuba, colocando salas de aula auxiliares nas propriedades das famílias camponesas mais agroecológicas. E cada escola, com base no trabalho e pesquisa das/dos educandas/os, pode coletar e sistematizar o conhecimento local, popular, tradicional e ancestral de como produzir no seu próprio bioma e localidade, e fazer um reservatório das sementes crioulas, de raças de animais adaptados a ela (por exemplo, ao Semiárido). E pode usar a pesquisa, os artigos, os trabalhos etc. das/dos educandas/os de cada escola, para documentar e sistematizar as experiências de produção agroecológica usadas em, e aptas para, seu território.

Em relação a estas questões, existe o *grande desafio de tentar “transversalizar” a Agroecologia em toda a estrutura curricular*. Como dar um “enfoque agroecológico” à química, à biologia, à matemática, à história, aos estudos sociais, à música, à arte etc. Claro que é possível, pois já se faz isso nas escolas autônomas do movimento zapatista, no México, e também há exemplos no Brasil, e nos Ialas (Institutos Agroecológicos Latino-Americanos) da Cloc-VC. Na química, os educandos podem, por exemplo, fazer análise de agrotóxicos em alimentos, estudar a biologia do agroecossistema; em matemática, podem ser analisados os arranjos de plantio nas culturas consorciadas; em estudos sociais podem estudar os efeitos do agronegócio e a emergência de movimentos agroecológicos; podem fazer canções e fazer arte sobre a Agroecologia etc.

Um bom exemplo de abordagem holística no Brasil, com a Agroecologia e a soberania alimentar como eixos transversais, é o currículo do projeto “Crianças Construindo a Soberania Alimentar” para a educação básica, desenvolvido pelo Setor de Educação do MST do Ceará, que já está sendo implementado em um bom número de escolas do campo. Este currículo usa a horta da escola como sala de aula, para ensinar todas as disciplinas, da biologia até o português, de forma holística, com aproximação agroecológica.

Agora, no ensino médio e na formação técnica é importante ir além da parte tecnológica da Agroecologia que, embora seja importante, não é tudo. *O desafio é formar os técnicos do futuro, não como donos da verdade tecnológica que conduzam à iluminação os camponeses ignorantes, mas sim, para valorizar o conhecimento tradicional camponês, e como facilitadores de processos de construção coletiva e de transmissão horizontal de conhecimento, ao estilo de CaC.*

O último e maior desafio é o de conseguir que uma escola de ensino médio e/ou de formação técnica, além de formar aos jovens como facilitadores de processos, se torne o epicentro de um processo ao estilo de CaC no seu território. A própria escola pode identificar aos camponeses(as) mais experientes em diferentes práticas agroecológicas e mobilizá-los como professores para os alunos, usando suas terras como salas de aula. A escola pode treinar estes camponeses(as) para que sejam promotores(as) em um processo de CaC, fornecendo-lhes ferramentas pedagógicas para melhor transmitir seus





conhecimentos para outros camponeses. Finalmente, os educandos serão formados para serem os futuros promotores, facilitadores e coordenadores dos processos de CaC em suas comunidades e territórios.

Se nós somos capazes de responder positivamente a estes e outras desafios semelhantes, vamos ser capazes de transformar as Escolas do Campo em eixos de ação coletiva em âmbito territorial, para obter uma Agroecologia em grande escala e transformar os nossos assentamentos e comunidades em territórios camponeses agroecológicos, construtores de soberania alimentar, como parte de uma verdadeira reforma agrária popular.

